

VIOLÊNCIA E BAIXAS MILITARES NORTE-AMERICANAS NA GUERRA DO IRAQUE (2003-2011)

VIOLENCE AND US MILITARY CASUALTIES IN THE IRAQ WAR (2003-2011)

Cláudio Júnior Damin¹

Universidade Federal do Pampa

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas

Resumo: O artigo analisa as baixas de militares durante a Guerra do Iraque entre 2003 e 2011, focando nas baixas dos Estados Unidos. Busca-se, a partir de uma perspectiva longitudinal e com a utilização de bancos de dados, caracterizar essas baixas e contextualizá-las com a dinâmica e com o desenvolvimento do conflito no Oriente Médio. O artigo conclui pela existência de uma concentração de baixas nas forças armadas estadunidenses, havendo também incidência maior de mortes de militares em determinadas fases da guerra e províncias iraquianas. Mostra-se, também, que a maior parte das baixas estadunidenses em combate está associada a ataques de artefatos explosivos improvisados tipicamente utilizados em conflitos de natureza irregular.

Palavras-chave: Política internacional. Guerra do Iraque. Estados Unidos. Baixas militares.

Abstract: The article analyses the military casualties during the Iraq War between 2003 and 2011, focusing on the US casualties. The goal, from a longitudinal perspective and with the use of databases, is to characterise these military casualties and to contextualize them with the dynamics and the development of the Middle Eastern conflict. The article concludes that there is a concentration of losses in the US armed forces and a higher incidence of military deaths in certain phases of the war and Iraqi provinces. It also shows that the majority of US casualties in combat is associated with improvised explosive devices typically used in conflicts of irregular nature.

Key-words: International Policy. Iraq War. United States. Casualties

Recebido: 28/11/2015

Aprovado: 27/04/2016

Considerações iniciais

A Guerra do Iraque pode ser sintetizada como um conflito militar iniciado durante a administração de George W. Bush no âmbito da “guerra global contra o terrorismo”, declarada pelo presidente em reação aos atentados terroristas de Onze de Setembro de 2001 em território estadunidense (KAPLAN & KRISTOL, 2003). A Segunda Guerra do Golfo, como esse conflito militar também foi chamado, estendeu-se de março de 2003 a dezembro de 2011, marco da retirada das tropas estadunidenses do país.

Em um primeiro momento, as batalhas opuseram forças regulares anglo-americanas e de outros países – que formaram uma enxuta coalizão militar – e tropas iraquianas leais ao ditador Saddam Hussein. A administração republicana em Washington alegava que Saddam possuía armas de destruição em massa e que poderia utilizá-las contra o Ocidente, além de

¹ superdamin@terra.com.br

relacionar o regime baathista de Bagdá com o terrorismo internacional – esse argumento hoje é tratado como um clássico caso de mentira na política internacional (MEARSHEIMER, 2012).

Depois da derrubada de Saddam, a partir da captura de Bagdá em 9 de abril de 2003, o país mergulhou em uma espiral de violência que atingiria níveis alarmantes entre 2006 e 2007. A intervenção anglo-americana se transformou em uma guerra civil de significativas proporções, cindindo o país e fazendo florescer grupos insurgentes que empregavam a violência sectária entre sunitas e xiitas como meio de desestabilizar o governo provisório articulado pelo Ocidente e expelir as tropas estrangeiras do país.

Sem um plano sobre o que fazer após a derrubada do regime de Saddam, a coalizão começou a ver seus contingentes fenecerem diante da forte resistência doméstica que encontraram durante a ocupação. O que era para ser um conflito curto, cirúrgico e sem maiores baixas militares, transformou-se em uma situação extremamente complicada, particularmente para os Estados Unidos e o Reino Unido, responsáveis pelo maior número de soldados enviados ao campo de batalha.

Dentro dessa problemática, o artigo tem o objetivo de analisar as baixas militares, com especial atenção às baixas dos Estados Unidos, ocorridas durante a Guerra do Iraque entre 2003 e 2011. A partir de dados disponibilizados pelo Departamento de Defesa e de organizações não governamentais como a *Iraq Casualties*, busca-se radiografar a amplitude quantitativa das perdas, caracterizar essas baixas e contextualizá-las com a dinâmica e o desenvolvimento do conflito no Oriente Médio ao longo do período examinado.

O artigo, de caráter descritivo, trabalha com quatro pontos básicos acerca do conflito iraquiano. O primeiro assevera que, apesar de existir uma força multinacional no Iraque, os Estados Unidos arcaram com quase todas as baixas militares da coalizão. O segundo sustenta que as baixas militares, ao longo do conflito, concentraram-se na área metropolitana de Bagdá e em suas províncias limítrofes, não sendo um fenômeno generalizado em todo o país. Já o terceiro ponto sustenta que existiu igualmente uma concentração temporal das baixas em determinadas fases do conflito no Oriente Médio. E o último ponto estabelece que as principais razões para as baixas em combate estão associadas com ataques de artefatos explosivos improvisados tipicamente utilizados em conflitos de natureza irregular.

Além desta introdução, o artigo está dividido em três partes básicas. Na primeira delas é oferecido um rápido panorama numérico das baixas militares estadunidenses em guerras das quais o país participou a fim de caracterizar, preliminarmente, as mortes durante a Guerra do

Iraque (2003-2011). A segunda parte analisa os dados sobre as baixas da coalizão e, em particular, as estadunidenses, tratando dos pontos básicos mencionados anteriormente. Por fim, tece-se considerações sobre as questões abordadas ao longo do artigo.

1. Baixas militares dos Estados Unidos: números iniciais

Baixas militares são consequências inevitáveis das guerras travadas pelos Estados nacionais. Isso significa, em boa medida, que países com tradição em envolvimento em conflitos militares estarão submetidos a essas consequências. Os Estados Unidos são um caso de destaque dessa situação, uma vez que ao longo de sua história, o país utilizou, em múltiplas ocasiões e pelos mais variados motivos, suas forças armadas – tanto ao nível doméstico quanto no exterior – para combater os mais díspares inimigos, de índios a piratas e de Estados a organizações terroristas (GRIMMETT, 2009).

O envolvimento frequente e intenso em conflitos militares no exterior produziu, desde sua guerra revolucionária, ainda no século XVIII, mais de um milhão de baixas dos membros das forças armadas. A amplitude desse fenômeno pode ser observada na Tabela 1 que contém, a partir de várias fontes, números referentes a doze ocasiões em que os militares dos Estados Unidos participaram de atos de beligerância.

Tabela 1 - Participação e baixas em doze conflitos militares, Estados Unidos, 1775-2011

	Período	Militares em Serviço	Total de mortes	Mortes em batalha	Outras mortes
Guerra da Independência	1775-1783	Sem dados	4.435	4.435	-
Guerra de 1812	1812-1815	287.730	2.260	2.260	-
Guerra do México	1846-1848	78.718	13.283	1.733	11.550
Guerra Civil	1861-1865	2.213.363	364.511	140.414	224.097
Guerra Hispano-Americana	1898-1901	306.760	2.446	385	2.061
I Guerra Mundial	1917-1918	4.734.991	116.516	53.402	63.114
II Guerra Mundial	1941-1946	16.112.566	405.399	291.557	113.842
Guerra da Coreia	1950-1953	5.720.000	36.574	33.739	2.835
Conflito no Vietnã	1964-1973	8.744.000	58.220	47.434	10.786
Guerra do Golfo	1990-1991	2.225.000	383	148	235
Guerra do Afeganistão	2001-	320.000	2.218	1.832	386
Guerra do Iraque	2003-2011	930.000	4.478	3.520	958
TOTAL	236 anos	41.673.128	1.010.723	580.859	429.864

Fontes: CASUALTIES, 2015; DEBRUYNE & LELAND, 2015; MILLET & MASLOWSKI, 2012.

Saliente-se que os conflitos militares citados na tabela não esgotam os episódios em que militares estadunidenses foram mortos em serviço. Assim, por exemplo, as baixas ocorridas na Somália nos anos 1990 não estão incluídas. É preciso, pois, destacar que os doze eventos foram selecionados por se tratarem dos mais importantes da história militar dos Estados

Unidos desde sua fundação. Cabe, também, esclarecer que para a construção da tabela os dados foram colhidos prioritariamente nas fontes Casualties (2015) e Debruyne e Leland (2015), por se tratarem de documentos produzidos por órgãos do governo estadunidense. O trabalho de Millet e Maslowski (2012), que possui reconhecido valor acadêmico nos Estados Unidos, serviu para obter o restante dos dados indisponíveis nas duas primeiras fontes citadas.

No somatório dos casos históricos selecionados a partir da Tabela 1, os Estados Unidos mobilizaram quase 42 milhões de militares. Esse número se refere aos militares que em algum período participaram dos conflitos, sendo comum que determinados contingentes, após determinado tempo, sejam substituídos por outras forças. Trata-se, frise-se, de um número cumulativo.

As baixas militares, por sua vez, nesses 236 anos de batalhas somaram pouco mais de um milhão, o que perfaz, em termos proporcionais, 2.4% do contingente de militares em serviço. Em termos práticos, isso significa dizer que a cada 41 mil militares estadunidenses utilizados nas guerras, um pereceu. A guerra que mais produziu baixas foi, de longe, a II Guerra Mundial, seguida pela Guerra Civil e I Guerra Mundial. Esses três casos respondem a 87.7% do total de perdas militares do país ao longo do tempo.

Essas mortes, por sua vez, podem ser divididas, segundo os registros disponíveis, em “mortes em batalha”, que são aquelas relacionadas à beligerância com inimigos no teatro da guerra, e em “outras mortes” que se referem, por exemplo, a baixas ocasionadas por doenças, acidentes com veículos e aeronaves, suicídios, homicídios e outras categorias.

As mortes em batalha representam 57.5% do total de baixas, havendo particular concentração na II Guerra Mundial e na Guerra Civil, com números superando a centena do milhar. E outras mortes que não aquelas diretamente acontecidas em momentos de hostilidade perfazem os 42.5% restantes, também aqui se destacando os dois grandes conflitos mencionados anteriormente.

Em termos gerais, a Guerra do Iraque, objeto deste artigo, encontra-se na sétima posição no total de militares em serviço, em igual posição no total de mortes e em batalhas e em oitavo lugar na categoria outras mortes. A partir desses dados, pode-se inferir que o conflito iniciado em 2003 encontra-se em um nível intermediário em termos de militares em serviço e baixas.

Os dados da tabela apresentada anteriormente identificam uma continuidade do fenômeno das baixas militares nos Estados Unidos. Trata-se de um reflexo de sua política de projeção regional e internacional a partir de meios militares desde que se tornaram um Estado

independente. Nesse ponto, é importante destacar que a Guerra do Iraque, ao deixar um saldo de milhares de soldados estadunidenses mortos, não deve ser tratada como um evento militar extraordinário, senão mais um da longa história dos Estados Unidos. Em boa parte de seu transcurso, aliás, ela contou com aprovação da maioria dos estadunidenses. Diante disso, a próxima seção do artigo analisará as características de um conjunto de baixas militares a partir da dinâmica do uso da força contra o regime de Saddam Hussein e, após, contra os grupos insurgentes iraquianos.

2. Baixas militares estadunidenses na Guerra do Iraque (2003-2011): questões básicas

Nessa segunda parte do artigo serão trabalhadas as questões básicas sobre a guerra já referidas na Introdução. Serão utilizados dados do Departamento de Defesa e da organização não governamental *Iraq Casualties* que catalogou as baixas militares de diversos países no Iraque a partir da invasão em março de 2003.

O *Iraq Casualties* é um site independente criado por um engenheiro de *software* em março de 2003 e que compilou, desde então, as baixas militares tanto no conflito no Iraque quanto no Afeganistão. Sua base de dados sobre as baixas nesses conflitos foi sendo abastecida a partir de notícias de imprensa de jornais estadunidenses, iraquianos e afegãos, além de informações oficiais do Departamento de Defesa. Os dados do ICasualties foram utilizados pelas agências internacionais de notícias e pelos principais jornais dos Estados Unidos como fonte das baixas militares estadunidenses no Iraque.

2.1 Concentração de baixas nos Estados Unidos

A Guerra do Iraque, do ponto de vista do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, comporta duas grandes operações militares. A primeira foi chamada de *Operation Iraq Freedom* e se estendeu de 19 de março de 2003 (dia do início da intervenção) até o primeiro dia do mês de setembro do ano de 2010. Nesse mesmo dia, a operação foi renomeada para *New Dawn*, perdurando até 15 de dezembro de 2011. É, portanto, em meados do último mês de 2011 que a missão militar no Iraque foi oficialmente encerrada com a retirada das últimas tropas estadunidenses de combate. Trata-se do período em que o artigo analisa as baixas militares na guerra.

De 2003 a 2011, o conflito produziu um total de 4.803 baixas militares de 34 países diferentes (ICASUALTIES, 2015). Dados iniciais relacionados à coalizão revelam uma extraordinária concentração de baixas em poucas nações. Conforme a Tabela 2, do total de

militares abatidos 93.4% deles eram estadunidenses e 3.7% do Reino Unido. Saliente-se que os militares estadunidenses em serviço no Iraque atingiram 930.000 ao longo do conflito, sendo que os demais Estados contribuíram, conforme Carney (2012), com 208.407 soldados – o total perfaz mais de 1.1 milhão. Em termos percentuais, os Estados Unidos enviaram 81,7% do total de tropas da coalizão, porém arcaram com 93.4% das baixas, ao passo que os aliados enviaram 18.3% dos contingentes e suas baixas representaram apenas 6.6% do total registrado na guerra. Ou seja, mesmo em termos globais verifica-se uma concentração de baixas nas tropas estadunidenses.

Tabela 2 – Baixas da coalizão na Guerra do Iraque (2003-2011)

País	Total de baixas	% do total de baixas
Estados Unidos	4.485	93,4
Reino Unido	179	3,7
Itália	33	0,7
Polônia	23	0,5
Ucrânia	18	0,4
Bulgária	13	0,3
Espanha	11	0,2
Dinamarca	7	0,1
El Salvador	5	0,1
Geórgia	5	0,1
Outros 24 países	24	0,5
TOTAL	4.803	100,0

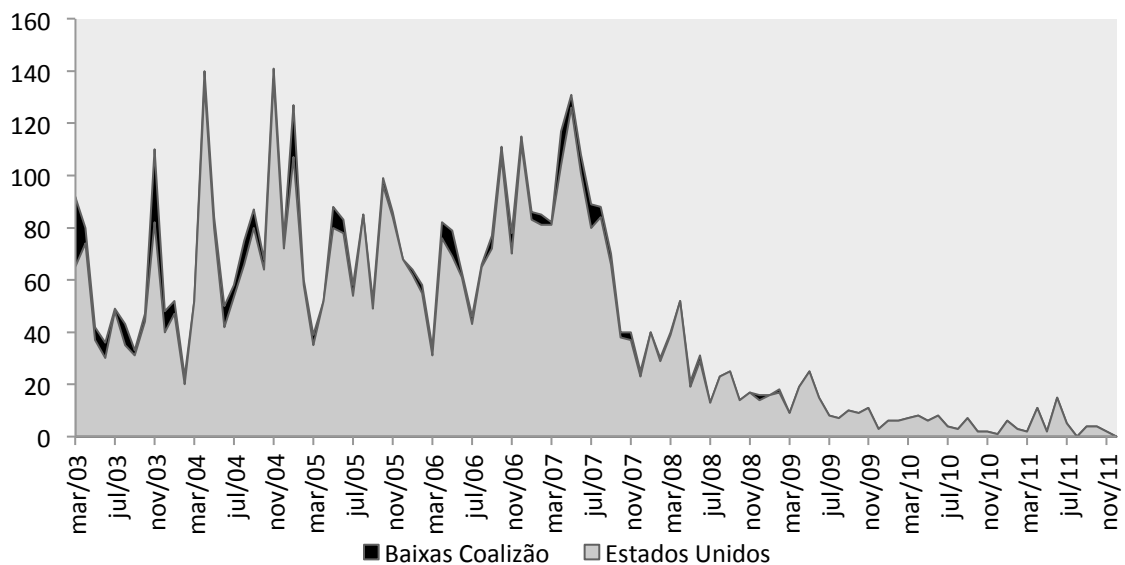
Fonte: ICASUALTIES, 2015; CARNEY, 2012.

Torna-se necessário frisar que a intervenção militar no Iraque não contou com uma autorização explícita do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), podendo-se qualificar esse conflito armado como unilateral e ilegal sob a perspectiva do direito internacional e da Carta da ONU (BYERS, 2007). Domesticamente, no entanto, a Guerra do Iraque foi autorizada a partir de uma resolução do Congresso aprovada em meados de outubro de 2002 e ativada em 19 de março de 2003, quando a invasão teve início (GRIMMETT & ELSEA, 2011).

George W. Bush sempre negou o caráter unilateral da intervenção argumentando que outros países haviam se unido ao esforço estadunidense para derrubar Saddam Hussein e proteger o Ocidente da ameaça representada por seu regime com supostas armas de destruição em massa. Em termos técnicos, poder-se-ia mesmo registrar que a invasão ao Iraque se deu a partir de uma coalizão, porém ressaltando que essa coalizão não recebeu qualquer mandato da ONU para fazer uso da força militar contra o Iraque. Grandes potências europeias, como França e Alemanha, por exemplo, não fizeram parte da aliança.

A coalizão referida por W. Bush incluiu, ao longo do conflito, a participação de outros 37 países, além dos Estados Unidos. Esse número se elevou a partir da autorização do Conselho de Segurança da ONU para a criação de uma força multinacional para estabilizar o Iraque após a invasão, em outubro de 2003. Os registros mostram, no entanto, que apenas quatro países enviaram tropas ao Iraque no momento inicial da guerra, sendo eles, além dos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Polônia (CARNEY, 2012). Esta seria, pois, a coalizão inicial responsável pela guerra. Estados Unidos e Reino Unido, por sua vez, contribuíram com a maior parte dos soldados e oficiais enviados, podendo-se caracterizar a coalizão como basicamente anglo-americana.

Gráfico 1 – Baixas da coalizão e dos Estados Unidos na Guerra do Iraque (2003-2011)



Fonte: ICASUALTIES, 2015.

O Gráfico 1 com o total de baixas contrapõe, ao longo dos meses do conflito, as baixas militares da coalizão e dos Estados Unidos. Há uma clara predominância das baixas estadunidenses sobre as dos países da coalizão. A contribuição estadunidense nas baixas tende, mesmo elevada, a ser um pouco menor no início do conflito. Já a partir de outubro de 2007 praticamente apenas militares estadunidenses perderam a vida no conflito até o final da guerra. Em termos gerais, na maior parte do tempo, as baixas dos Estados Unidos se sobrepõem às da coalizão, o que é coerente com o fato de nove a cada dez militares mortos na guerra serem estadunidenses.

Os custos, em termos de baixas militares, portanto, foram absorvidos quase que unicamente pelos Estados Unidos, o que reafirma o fato de que a despeito de haver uma força multinacional no Iraque, os Estados Unidos arcaram com quase todas as baixas militares da

coalizão. Esta força “multinacional” era mais formal que efetiva, pois os aliados enviaram menos de 20% da força militar durante todo o conflito.

O Departamento de Defesa considera que o total de militares estadunidenses mortos na Guerra do Iraque foi de 4.478, sendo 4.425 durante a operação *Iraq Freedom* e 66 na *New Dawn* (CONFLICT CASUALTIES, 2015). Uma segunda fonte, a organização *Iraq Casualties*, registrou um total de 4.485 baixas militares estadunidenses até o final de 2011 (ICASUALTIES, 2015). Há uma pequena divergência entre os números dessas fontes. A diferença, por sua vez, por não ser tão significativa, possibilita a utilização dos números da *Iraq Casualties* para analisar as baixas no Iraque. Frise-se que o banco de dados da organização (que contém informações de 4.435 baixas entre março de 2003 e dezembro de 2011) reúne um conjunto de variáveis não encontradas em outras fontes e já foi utilizado como fonte confiável de dados em estudos internacionais sobre a Guerra do Iraque, por isso será empregado como base para esse trabalho (BIRD & FAIRWEATHER, 2007; BIDDLE, FRIEDMAN & SHAPIRO, 2012; LUTZ, 2013).

Tabela 3 – Baixas militares dos Estados Unidos na Guerra do Iraque (2003-2011)

Ano	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Baixas	486	849	846	823	904	314	149	60	54

Fonte: ICASUALTIES, 2015.

A Tabela 3 mostra a taxa anual de mortes de militares norte-americanas ao longo dos nove anos de conflito. Uma primeira constatação é a de que há uma forte concentração de baixas no quadriênio 2004-2007. A média de letalidade durante esse período foi de 855,5 militares. Já a soma das baixas – 3.422 – compõe 76.2% de todas as forças norte-americanas mortas no Iraque. De 2007 para 2008, a redução na violência contra militares foi notável (praticamente de 2/3), com um prosseguimento dessa queda nos anos seguintes de 2009, 2010 e no último ano da operação *New Dawn*.

Inspirados na periodização de Gelpi, Feaver e Reifler (2009), pode-se refinar a análise sobre as baixas dividindo o conflito no Iraque em seis fases. Cada um desses períodos de baixas é marcado por acontecimentos decisivos no desenvolvimento do conflito. As fases propostas são as seguintes:

- Fase I: *Major attacks* – Essa primeira fase da guerra durou pouco mais de um mês. Inicia-se com a invasão ao Iraque em 19 de março de 2003 e se estende até o dia 30 de abril, véspera do discurso em que o presidente George W. Bush anunciou o fim das

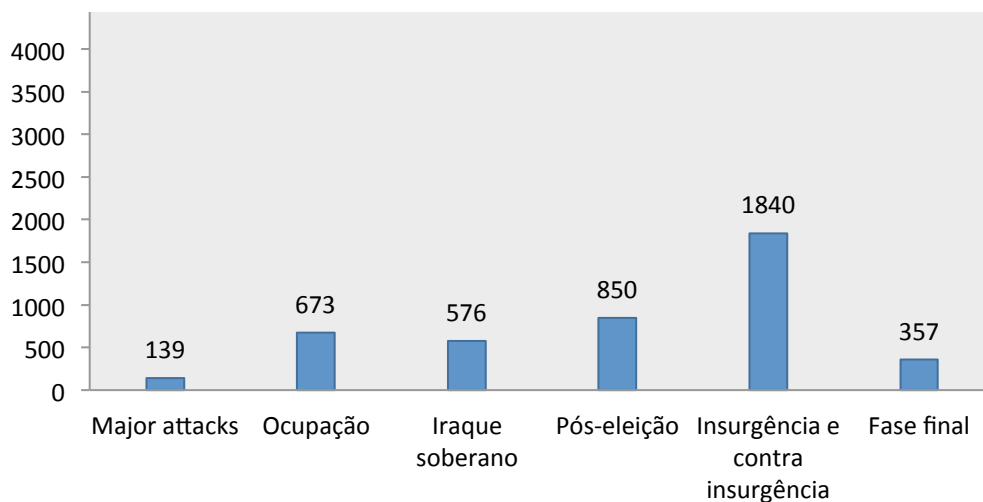
grandes batalhas no Iraque e que a missão de derrubar Saddam Hussein havia sido cumprida.

- Fase II: Ocupação – A segunda fase da guerra tem duração aproximada de treze meses e se refere ao período em que, uma vez derrubado o regime baathista, o Iraque perdeu sua soberania estatal a partir de 1º de maio de 2003. Durante esse tempo, o território foi controlado pelas forças da coalizão lideradas pelos Estados Unidos, situação que perdurou até 30 de junho de 2004, quando ocorreu a transferência da soberania para um governo provisório iraquiano.
- Fase III: Iraque soberano – Essa fase é iniciada na data imediatamente após a devolução da soberania do Iraque para um governo provisório formado por líderes locais próximos a Washington, 1º de julho de 2004, e se prolonga até a realização da primeira eleição parlamentar no país, a 30 de janeiro de 2005.
- Fase IV: Pós-eleição – A quarta fase se estende do momento pós-eleitoral, em 31 de janeiro de 2005, até o ataque de terroristas sunitas à cúpula da mesquita xiita de Samarra, ao norte de Bagdá, em 22 de fevereiro de 2006. Esse ataque não produziu mortos ou feridos, porém despertou a fúria dos xiitas, que passaram a retaliar mesquitas sunitas pelo país. A partir do ataque de Samarra, a violência sectária assumiu contornos mais claros e cujo produto mais evidente foi a escalada da insurgência no país.
- Fase V: Insurgência e contra-insurgência – A penúltima fase da guerra tem início após o ataque à Samarra, em fevereiro de 2006, e se prolonga até a retirada dos últimos adicionais de militares enviados ao Iraque em 2007 (o *Surge*), em 22 de julho de 2008. Trata-se de um período em que o Iraque mergulhou em uma guerra civil, uma vitória estadunidense na guerra se mostrava cada vez mais improvável e a Al-Qaeda passou a governar territórios no Iraque. Foi também nessa fase que os Estados Unidos promoveram uma inflexão na estratégia da guerra, passando a ser de contra-insurgência, enviando mais brigadas em 2007 e alterando a relação que as forças ocupantes possuíam com a população civil.
- Fase VI: Final – A sexta e derradeira fase tem início quando os últimos contingentes adicionais de militares enviados em 2007 voltam aos Estados Unidos (23 de julho de 2008), aparentemente após a derrota e neutralização dos grupos insurgentes no Iraque, e se finda no dia 15 de dezembro de 2011, marco oficial do final da participação militar estadunidense na Guerra do Iraque.

A cada fase da guerra, conforme ilustra o Gráfico 2, corresponde um número de baixas militares estadunidenses. Durante a primeira fase (*major attacks*), as baixas foram mínimas (139, ou 3.1% do total), sendo potencializadas nas quatro fases seguintes. Ao contribuir com 1.840 baixas (41.5% do total), a fase de insurgência e contrainsurgência se mostra a categoria modal.

Nenhuma outra fase da guerra foi tão mortífera para os soldados estadunidenses quanto a que compreende a explosão da violência sectária e as iniciativas de contra insurgência por parte das forças estrangeiras, como o *Surge*, o Despertar Sunita e o programa *Sons of Iraq*. Sobre este último, foi criado pelo governo estadunidense em apoio ao governo do Iraque e oferecia um salário a sunitas domiciliados em áreas com grande presença de insurgentes. Ainda, ele era um programa que objetivava impedir que jovens desempregados fossem cooptados pelos grupos insurgentes, dando-lhes apoio financeiro e permitindo que exercessem atividades de proteção a suas vizinhanças.

Gráfico 2 - Baixas militares dos Estados Unidos na Guerra do Iraque por fases do conflito (2003-2011)



N= 4.435. Fonte: ICASUALTIES, 2015.

No início de 2007, com a guerra praticamente perdida e em um momento de alta impopularidade da intervenção, o presidente George W. Bush determinou o envio de um adicional de 20 mil homens, a partir de fevereiro de 2007, para o teatro da guerra. Esses novos contingentes foram alocados na capital do país e em províncias próximas, não por acaso, como se verá a seguir, as mais letais para os soldados estadunidenses. Esse aumento de tropas ficou conhecido como a estratégia *Surge*.

O *Surge*, no entanto, como estratégia de estabilização do Iraque e diminuição da violência contra as tropas ocupantes, apenas foi possível em função de sua utilização para a proteção dos civis iraquianos e inter-relação com mobilizações de lideranças tribais domésticas a partir do chamado “Despertar Sunita” (*Sunni Awakening*).

Esse Despertar foi uma reação das lideranças tribais sunitas contra as práticas extremistas de grupos insurgentes como a Al-Qaeda no Iraque, cujos militantes eram igualmente sunitas. Forjaram-se alianças entre *sheiks* locais e as forças da coalizão lideradas pelos Estados Unidos, de tal modo que se estabeleceu uma cooperação entre lideranças, população sunita e militares estrangeiros. Uma primeira experiência desta aliança foi efetivada em Anbar, a primeira província em que foi possível verificar uma queda significativa das baixas de militares estadunidenses após uma explosão de violência sectária.

A partir do *Awakening*, o comando militar estadunidense criou o programa que mais tarde passou a se chamar *Sons of Iraq*. Ele se referia, basicamente, a um pagamento mensal a iraquianos (a maioria sunitas) a fim de que exercessem funções típicas de milícia com o objetivo de se contrapor aos grupos insurgentes. Com taxas altas de desemprego no Iraque após a invasão, o *Sons of Iraq* também cumpriu uma função econômica essencial ao integrar à órbita estatal cidadãos que poderiam estar lutando ao lado dos grupos insurgentes.

A partir, portanto, da combinação do *Surge*, *Sunni Awakening* e do programa *Sons of Iraq*, as baixas militares foram consideravelmente diminuídas na fase da guerra que denominamos de “Insurgência e contra-insurgência”. Nesse período, observou-se, portanto, o pico de baixas militares estadunidense e, também, sua grande diminuição. Vale destacar que a violência contra civis também decresceu rapidamente e de alguma forma garantiu momentos de estabilização do país.

Note-se, ademais, que após a fase de maiores baixas, as mortes de soldados retrogiram de modo expressivo na fase final da guerra (357, ou apenas 8% do total), que tem a maior duração dentre todas as fases, aproximadamente três anos e cinco meses. Além de maior pacificação interna no Iraque, essa redução das baixas também está relacionada com a retirada das tropas estadunidense do Iraque e menor envolvimento dos militares em hostilidades. Na parte final da guerra, os Estados Unidos concentravam o trabalho das forças ainda presentes no país no treinamento das forças de segurança iraquianas. Mesmo quando a guerra foi oficialmente finalizada, no final de 2011, grupos de militares permaneceram no país a fim de prolongar esse treinamento para que oficiais iraquianos pudessem gerenciar a segurança de seu próprio país.

Além de existir uma concentração temporal, e por fases, de baixas militares estadunidenses, o banco de dados confeccionado pela organização *Iraq Casualties* com variáveis sobre as mortes também revela uma concentração geográfica específica responsável por boa parte dos padecimentos. É o que demonstra a Tabela 4.

A região metropolitana de Bagdá e a província de Anbar se mostraram as mais letais para os militares estadunidense ao corresponderem juntas a 61.2% de todas as baixas. As províncias de Salah Ad Din, Ninawa, Diyala e Babil também anotaram um número significativo de baixas. É interessante notar que quase todas essas províncias formam uma espécie de “cinturão” ao redor de Bagdá – Salah Ad Din fica ao Norte, Diyala a Nordeste, Babil ao Sul, Anbar localiza-se a Leste e apenas Ninawa não é fronteira com a capital iraquiana.

Tabela 4 - Baixas dos Estados Unidos por províncias iraquianas (2003-2011)

Províncias	Baixas	%
Bagdá	1.385	31,2
Anbar	1.329	30,0
Salah Ad Din	433	9,8
Ninawa	273	6,2
Diyala	252	5,7
Babil	192	4,3
At-Tamim	106	2,4
Dhi Qar	68	1,5
Basra	34	0,8
Outras províncias	130	2,8
Sem informações	233	5,2
Total	4.435	100,0

Fonte: ICASUALTIES, 2015.

A violência contra militares estadunidenses, portanto, concentrava-se na área metropolitana de Bagdá e em Anbar, região contígua à capital, não se constituindo uma violência generalizada em todas as províncias do país. As perdas foram bem mais concentradas do que se poderia supor, o que é revelador do fato de que a invasão anglo-americana ao Iraque impactou de modo distinto nas populações das 18 províncias, incluindo as baixas nas forças de coalizão. Frise-se, no entanto, que uma análise mais precisa deveria levar em consideração a alocação proporcional das tropas estadunidenses nas províncias iraquianas, o que não foi possível em função da indisponibilidade destes dados.

Há três questões que nos parecem pertinentes para explicar essa concentração de baixas em poucas províncias do país. A primeira delas é a importância estratégica de Bagdá na invasão liderada pelos Estados Unidos. Conselheiros mais próximos do presidente George W. Bush, nos momentos de planejamento da intervenção, estavam convencidos de que Bush filho não poderia cometer os mesmos erros de seu pai na primeira Guerra do Golfo no início

dos anos 1990 (FEITH, 2008). Isso significava, em termos práticos, que Bagdá deveria ser conquistada de modo a derrubar o ditador Saddam Hussein e propiciar uma mudança de regime (KRISTOL & KAPLAN, 2004). O foco das forças de combate despachadas em março de 2003 era, portanto, tomar Bagdá e, com isso, fazer capitular todo o governo *baathista* por lá estabelecido.

A capital foi rapidamente tomada em 09 de abril, vinte dias após o início da operação *Iraq Freedom*. O governo provisório das forças de ocupação ficou localizado em Bagdá, estando primeiro a cargo do general Tommy Franks e, em maio, sendo o militar substituído pelo embaixador Paul Bremer, nomeado por George W. Bush como o administrador do país após Saddam ter sido apeado do poder. A coalizão, por intermédio de seus governantes *pro tempore*, estabeleceu toda uma estrutura de governo a partir da utilização dos prédios administrativos já existentes, inclusive com a ocupação de antigos palácios da família Hussein. A presença da ONU, após a invasão, também estava fortemente centrada na capital do país – relembre-se, a propósito, que em 19 de agosto de 2003 um ataque à bomba no quartel-general da organização matou o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

É interessante notar que ao se examinar a distribuição das baixas estadunidenses do início da invasão até a véspera do anúncio do presidente estadunidense de que a missão estava cumprida e de que haviam acabado os combates no Iraque (anúncio de 1º de maio a bordo do USS Abraham Lincoln), a presença das províncias do cinturão de Bagdá não é tão significativa no cômputo das baixas de soldados estadunidenses.

Nessa fase dos *major attacks*, conforme indica a Tabela 5, os Estados Unidos perderam 139 militares, sendo este o custo inicial para a derrubada do regime de Saddam Hussein. Essas baixas ocorrem, conforme os dados, em maior número na província de Dhi Qar, no Sul do país. Note-se, por exemplo, que há um padrão distinto no saldo final das baixas (2003 a 2011) com as províncias de Bagdá, Anbar e Salah Ad Din tendo proporcionalmente menos baixas no início do conflito. Ninawa e Diyala, por sua vez, sequer aparecem na lista inicial de baixas.

Tabela 5 - Baixas dos Estados Unidos por províncias iraquianas (19-03 a 30-04-2003)

Província	Baixas	%
Dhi Qar	39	28,1
Sem informações	38	27,3
Bagdá	33	23,7
Karbala	6	4,3
Wasit	6	4,3
Basra	4	2,9
Najaf	4	2,9

Salah Ad Din	4	2,9
Anbar	3	2,2
Babil	1	0,7
Muthanna	1	0,7
Total	139	100,0

Fonte: ICASUALTIES, 2015.

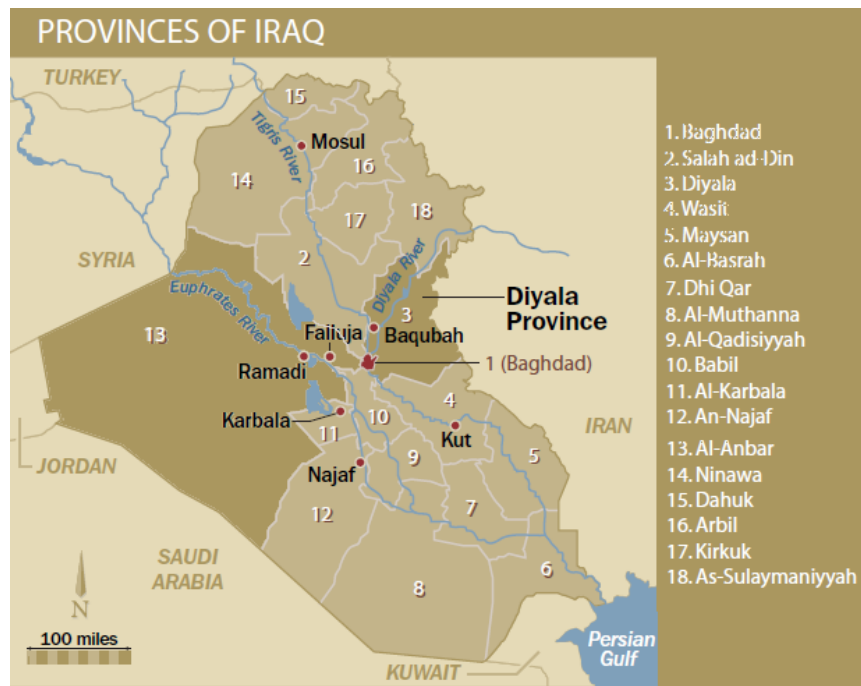
Essa maior concentração de baixas na província de Dhi Qar e, em especial, na capital Nasiriyah, é explicada pela estratégia inicial de invasão do Iraque. Keegan (2005) mostra que sobraram, à época, apenas três “pontos de entrada” para as forças da coalizão lideradas pelos Estados Unidos, a saber: o pequeno litoral iraquiano, a fronteira com a Turquia e a fronteira com o Kuwait. Em função da geografia desfavorável da costa litorânea e da negativa do Parlamento turco em autorizar a entrada de tropas internacionais em seu território, restou a alternativa do Kuwait. Assim, a invasão anglo-americana se deu a partir de um *front* único pelo Sul do Iraque.

Conforme narra Keegan (2005), as forças invasoras marchavam do Sul rumo à Bagdá e nos primeiros dias da guerra quase não se observou resistência por parte das forças militares iraquianas. Uma resistência mais forte foi primeiramente encontrada na cidade de Nasiriyah, “escolhida pelo partido Baath e pelas várias milícias de Saddam Hussein como um bom local para estabelecer a resistência” (KEEGAN, 2005, p. 187). Essa resistência inesperada foi acompanhada de uma significativa desorganização dos contingentes militares da coalizão, cujo produto foi dezenas de baixas. Conforme a tabela anterior, 39 militares pereceram na região de Nasiriyah, sendo que a resistência da cidade foi completamente derrotada, conforme Keegan (2005), apenas no final de março de 2003.

Os dados mostram que não foi a invasão propriamente dita a razão das elevadas baixas na região metropolitana de Bagdá, senão o próprio desenrolar do conflito. E Bagdá, por sediar o aparato administrativo, político e também militar das forças anglo-americanas, acabou se transformando no alvo preferencial dos grupos insurgentes que passaram a operar após a intervenção, dentre eles a Al-Qaeda no Iraque. Além de ser o centro do poder, a região de Bagdá era extremamente urbanizada, o que favorecia as táticas típicas de guerra irregular dos insurgentes.

Uma segunda razão para a concentração das baixas em poucas províncias, sendo a maioria delas limítrofes à capital do país, foi a explosão da violência sectária entre sunitas e xiitas, particularmente nas províncias que circundam Bagdá. E aqui se sobressaem duas regiões: Anbar e Diyala.

Mapa 1 – Províncias do Iraque



Fonte: ADAPTADO DE KAGAN (2007).

Anbar faz fronteira com Síria e Jordânia e, recortada pelo Rio Eufrates, possui vasta malha rodoviária que facilitava tanto o movimento de insurgentes estrangeiros quanto de armas. Também, segundo Kagan (2006/2007), os insurgentes estabeleceram linhas de comunicação entre Anbar e a insurgência em Bagdá e outras importantes cidades do norte iraquiano, dentre as quais Mosul, hoje controlada pelo grupo Estado Islâmico. Anbar é, adicionalmente, uma província com predominância de sunitas, o que proporcionou que a Al-Qaeda no Iraque, então liderada por Abu Musab al-Zarqawi, obtivesse por algum tempo o apoio dos líderes tribais locais e também da população na luta contra as forças de ocupação estadunidenses.

Diyala, ao contrário de Anbar, era uma província que se poderia considerar mista, com uma pequena maioria quantitativa de sunitas, porém também significativos contingentes de árabes xiitas e de curdos. Após a derrubada de Saddam, antigos aliados seus ligados ao Partido Baath tomaram o controle da província e al-Zarqawi (líder da Al-Qaeda no Iraque), o pioneiro da insurgência contra os estadunidense, designou a província como a capital do califado a ser estabelecido por seu grupo (KAGAN, 2007). Além disso, entre 2006 e meados de 2007, o governo iraquiano ou as forças militares dos Estados Unidos não eram os soberanos na região, estando ela controlada pelos grupos insurgentes. E, conforme se pode observar no Mapa 1, os insurgentes de Diyala possuíam facilidade em acessar a capital do país e cometer atos terroristas contra as forças de ocupação.

Kagan (2007) salientou essa relação de interdependência entre a violência em Bagdá e nas regiões mais próxima à capital:

Os insurgentes estão baseados nos cinturões de Bagdá e na província de Anbar, a Oeste, e a violência sectária e da Al Qaeda tem atormentado a província de Diyala, de 2006 até o presente. Embora haja esforços em Anbar, as províncias de Diyala, Salah-ad-Din e Ninewah têm sua própria dinâmica e reagem à medida que evoluem das circunstâncias locais, porém elas também estão ligadas à violência em Bagdá e estão inseparavelmente relacionadas com os esforços para pacificar a capital (KAGAN, 2007, p. 2, tradução do autor).

Saliente-se que, ao longo da guerra, as forças estadunidenses empreenderiam várias operações militares nessas duas regiões com o fim de livrá-las da dominação dos extremistas da Al-Qaeda no Iraque. Relembre-se, por exemplo, a segunda batalha de Faluja, na província de Anbar, entre novembro e dezembro de 2004 que custou, no total, 95 militares mortos aos Estados Unidos (BYERS, 2007). Controlar e pacificar a capital iraquiana e seu entorno, portanto, custou boa parte das vidas de soldados norte-americanos para além dos momentos iniciais da invasão.

Uma terceira razão para essa concentração de baixas no *belt* de Bagdá foi o estacionamento das forças militares do Reino Unido na província de Basra, ao Sul, detentora de uma das três cidades mais populosas do país (Basra). Keegan (2005, p. 209) salienta que essa presença britânica em Basra foi deliberada, pois o Reino Unido possuía “conexões históricas com o Golfo”, mantendo inclusive uma rede de informantes. Basra, vale destacar, é de maioria xiita, sendo que “nunca adotou completamente o sistema do Partido Baath” (KEEGAN, 2005, p. 209).

Enquanto, ao longo de 2003-2011, os Estados Unidos perderam 34 soldados (0.8% do total de suas baixas) na província de Basra, o Reino Unido viu perecer 113, o que configura 2/3 do total de suas baixas registradas em todo o conflito. Em Basra, portanto, os britânicos arcaram com a maior parte das baixas. A retirada das tropas do Iraque ocorreu no final de 2007, com a entrega da cidade às autoridades iraquianas.

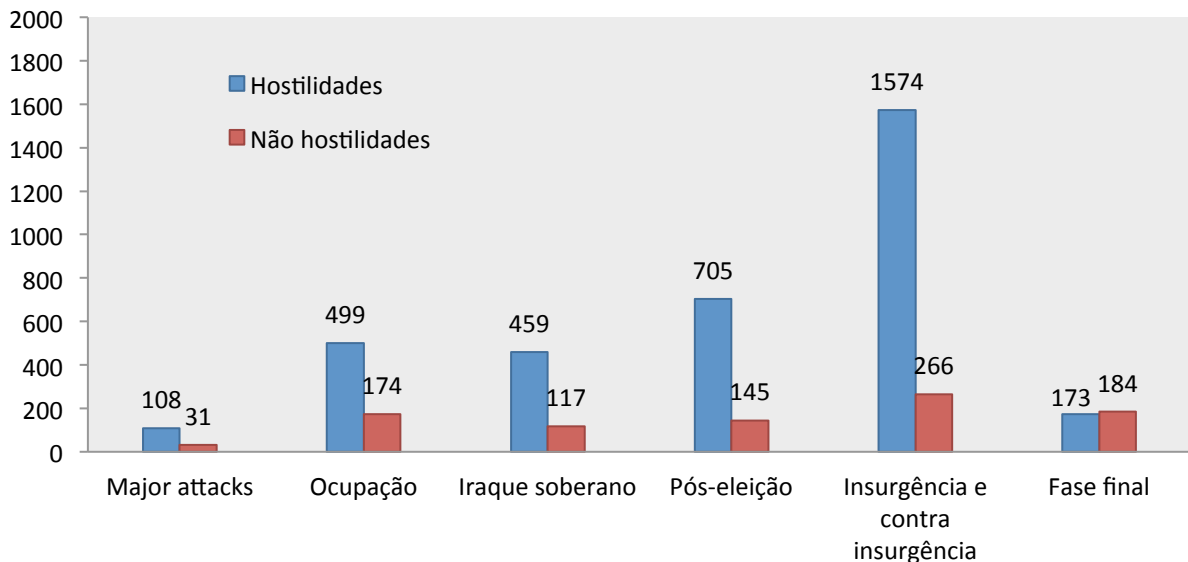
Os dados parecem indicar que ocorreu uma concentração de baixas em Bagdá e suas províncias limítrofes. Foi nessa área, e em função da estratégia de insurgência de distintos grupos contra a permanência de forças estrangeiras no Iraque, que a maior parte dos militares estadunidenses pereceu.

2.2 As causas das baixas

Nessa parte do artigo explora-se, tendo novamente como base o banco de dados da *Iraq Casualties*, as causas das baixas estadunidenses. Há duas ordens distintas de mortes: a) as relacionadas às hostilidades, o que se convencionou associar às baixas em batalha e em ação no teatro de guerra; b) padecimentos no contexto do conflito, porém não relacionados diretamente às batalhas, mas sim devido a razões outras que não diretamente as de operações militares.

Os dados mostram que do total das baixas estadunidenses no Iraque, praticamente 80% devem-se às hostilidades com forças inimigas, sendo um percentual parecido com aquele anotado para a Guerra do Afeganistão (82.6%) e o conflito no Vietnam (81.5%). Outras 20.7% de baixas ocorreram em função de eventos de não hostilidade.

Gráfico 3 - Causas das baixas militares dos Estados Unidos no Iraque (2003-2011)



Fonte: ICASUALTIES, 2015.

O Gráfico 3 cruza as baixas por hostilidades/não hostilidades com as fases da guerra. Em quase todas elas a barra de baixas em função de hostilidades é superior a das não hostilidades, exceção feita ao período final da guerra. Como seria de se esperar, a fase de insurgência e contra-insurgência foi a que registrou o maior número de baixas por meio de atos de hostilidade.

Há dezenas de tipos de hostilidades que causaram baixas nos contingentes estadunidenses. A Tabela 6 exhibe as principais causas, o que nos possibilita uma melhor compreensão e visualização dos tipos de hostilidades ocorridas ao longo da guerra.

Tabela 6 – Principais tipos de hostilidades como causa das baixas militares dos Estados Unidos no Iraque (2003-2011)

Tipos de hostilidades	Baixas	%
Ataque de IED	1.767	50,2
Fogo inimigo	544	15,5
Ataque de pequenas armas de fogo	430	12,2
Homem-bomba/carro-bomba suicida	105	3,0
Ataque de morteiro	95	2,7
Ataque de RPG	93	2,6
Carro-bomba	77	2,2
Emboscada	51	1,4
Ataque de foguete	45	1,3
Queda de helicópteros	30	0,9
Fogo amigo	14	0,4
Outros	267	7,6
Total	3.518	100,0

Fonte: ICASUALTIES, 2015.

O dado mais saliente é o de que metade das mortes derivadas de hostilidades (1.767 baixas) ocorreu em função de ataques de IED. IED, em inglês, são *improvised explosive devices*, que poder-se-iam traduzir como artefatos explosivos improvisados ou, ainda, bombas de fabricação caseira. O Departamento de Segurança Doméstica estadunidense define nos seguintes termos um ataque de IED:

Um ataque de dispositivo explosivo improvisado (IED) é o uso de uma bomba "caseira" e/ou dispositivo destrutivo para destruir, incapacitar, molestar ou distrair. IEDs são usados por criminosos, vândalos, terroristas, homens bomba e insurgentes. Porque eles são improvisados, IEDs podem se apresentar de várias formas, desde uma pequena bomba caseira até um dispositivo sofisticado capaz de causar grandes danos e fatalidades. IEDs podem ser transportados ou entregues em um veículo; transportados, colocados ou jogados por uma pessoa; entregues em um pacote; ou escondidos na beira da estrada. (IED ATTACK, s/d, p. 1, tradução do autor)

Note-se que um ataque de IED possui uma natureza militar não convencional, podendo-se descrevê-lo como característico das chamadas guerras irregulares (LAFREE & LEGAULT, 2009). Esse ponto é importante precisamente porque a Guerra do Iraque, após a derrubada do regime de Saddam, tornou-se um conflito não convencional entre as forças regulares da coalizão lideradas pelos Estados Unidos (posteriormente com o apoio das forças policiais e militares iraquianas pós-Saddam) e grupos insurgentes armados. Os ataques de IED, vale destacar, não provocaram apenas baixas militares estadunidense ou de forças de outros

Estados, mas também de civis iraquianos. Os alvos dos insurgentes eram militares e também civis em função do conflito sectário estabelecido no país (sunitas *versus* xiitas).

Segundo McFate (2005, p. 37, tradução do autor), as bombas de fabricação caseira que começaram a ser utilizadas pela insurgência no Iraque em setembro de 2003 com o tempo se tornaram mais sofisticadas, passando “de ataques suicidas simples para ataques mais complexos de controle remoto, IED transmitidos por veículos e IED conectados em série a partir de detonadores”. Ele também pondera que esses artefatos explosivos improvisados provinham do próprio Iraque, uma vez que “os peritos de bomba da insurgência são na sua maioria ex-membros do serviço de inteligência iraquiano, o Mukhabarat” (MCFATE, 2005, p. 37, tradução do autor).

A segunda maior causa de baixas militares por hostilidade foi o “fogo inimigo”, com 15.5%. Trata-se, pois, de uma categoria que se poderia considerar como genérica e presente também em conflitos regulares entre exércitos. Pode-se, além disso, encontrar na Tabela 7 outras categorias típicas de conflitos irregulares, dentre as quais o ataque de pequenas armas de fogo, ataques suicidas de homem-bomba ou carro-bomba, ataques de morteiro, de RPG (lançador de foguetes), carro-bomba e emboscadas. Os dados mostram, portanto, que a maior parte das baixas militares estadunidenses decorrentes de hostilidades se vincula a estratégias de guerra irregular (ou de guerrilha) patrocinadas por grupos hostis às forças que ocuparam o Iraque a partir de 2003.

Já a Tabela 7 detalha as mortes devido a não hostilidades na Guerra do Iraque entre 2003 e 2011. O fator que mais causou mortes foi os acidentes com veículos – 31% do total. Saliente-se que esses acidentes ocorreram em função de imperícia dos motoristas, de falha de funcionamento dos veículos e em contextos em que os militares não estavam propriamente em um ambiente de hostilidade com as forças insurgentes. Note-se que a queda de helicópteros é outro motivo para as baixas, sendo que 117 militares perderam a vida em função dessas quedas. Quando, portanto, consideramos acidentes com veículos terrestres ou com aeronaves, eles representam 43.8% do total de baixas ocorridas em circunstâncias de não hostilidades no Iraque.

Tabela 7 – Principais tipos de não hostilidades como causa das baixas militares dos Estados Unidos no Iraque (2003-2011)

Tipos de não hostilidades	Baixas	%
Acidente com veículos	284	31
Queda de helicópteros	117	12,8
Doenças	60	6,5

Descarga de arma	57	6,2
Ferimento	37	4,1
Afogamento	18	2,0
Outros	140	15,2
Sem informação específica	204	22,2
Total	917	100

Fonte: ICASUALTIES, 2015.

Consta, também, uma categoria geral chamada de “não hostilidade” responsável por mais de 20% das baixas, não se tendo maiores detalhes sobre seu conteúdo. Doenças e descargas acidentais de armas pouco impactaram para o total de mortes, o mesmo ocorrendo com ferimentos e afogamento. A concentração maior ocorreu mesmo nos acidentes de veículos e helicópteros.

Esses dados auxiliam a confirmar que a principal razão para as baixas de militares estadunidenses em combate são os ataques de bombas caseiras, ferramenta utilizada tipicamente em conflitos de natureza não convencional, como se tornou a Guerra do Iraque após a derrubada da ditadura de Saddam Hussein.

Considerações finais

Ao longo do artigo buscou-se analisar as baixas militares estadunidenses na Guerra do Iraque (2003-2011). não apenas do ponto de vista quantitativo, mas procurando relacioná-las com o contexto do conflito e seu desenvolvimento ao longo do tempo. A partir desse esforço, possível em função da utilização do banco de dados da organização não governamental *Iraq Casualties*, trabalhou-se no artigo com quatro características básicas da guerra que fornecem evidências da própria natureza da guerra travada pelos Estados Unidos. Mostrou-se, portanto, como o estudo das baixas militares auxilia na descrição e compreensão das características básicas da guerra.

Uma constatação preliminar é a de que a Guerra do Iraque não pode ser tratada, do ponto de vista quantitativo, como a mais mortífera guerra da qual já participaram os Estados Unidos. As baixas oficiais totais de 4.478 militares e a mobilização de quase um milhão de homens colocam esse conflito em uma posição intermediária entre os grandes eventos que ensejaram, no exterior, o uso da força militar pelo governo estadunidense.

O conflito no Iraque parece se destacar menos pelo número de baixas e mais pela controvérsia que suscitou na opinião pública dentro e fora dos Estados Unidos. Inicialmente uma guerra amplamente aprovada pelos eleitores, posteriormente o conflito se tornou extremamente impopular, o que potencializou o efeito das baixas. As mortes de homens em

serviço pareciam reforçar a noção segundo a qual havia sido um erro invadir o Iraque. Para o Estado, portanto, o conflito inserido dentro do contexto da guerra global contra o terrorismo parece ter sido traumático.

Mostrou-se que o caráter multinacional da invasão e da ocupação do Iraque não se reproduziu no montante de baixas. Ocorreu, nesse sentido, uma concentração de mortes nas forças dos Estados Unidos e, depois, do Reino Unido. Muito embora outras nações tenham anotado baixas durante a intervenção, elas foram apenas residuais quando comparadas aos números exibidos pelos Estados Unidos. O custo, em termos militares, restou mesmo concentrado no contingente militar norte-americano.

A concentração de baixas também se apresentou na dimensão temporal e geográfica. Boa parte das mortes de militares estadunidenses está vinculada à fase do conflito que denominamos de “Insurgência e contra-insurgência” e que se prolongou, grosso modo, de 2006 a 2008. As maiores perdas não ocorreram nas fases iniciais da guerra, mas sim no período em que eclodiu a insurgência contra as forças de ocupação.

A insurgência mais presente nesse período também produziu uma concentração geográfica das baixas. Mostrou-se que determinadas regiões do país foram mais sensíveis às baixas, registrando-as em maior número. Destacou-se o papel desempenhado por Bagdá e suas províncias limítrofes no placar das baixas, o que reflete o caráter insurgente em que se transformou o conflito.

Sabe-se que a insurgência sunita, cujo grupo mais proeminente foi a Al-Qaeda no Iraque, sempre mirou na tomada de Bagdá, assentando bases logísticas e humanas em regiões próximas à capital capazes de fornecer o apoio necessário para o cometimento de ações terroristas. Como a violência sectária se concentrou na região metropolitana de Bagdá e suas províncias próximas, havendo ainda uma concentração de forças militares estadunidenses nessa mesma região, talvez não seja surpreendente o fato de que as baixas se concentraram nesse mesmo território.

O modo como os soldados morrem também parece ter muito a dizer sobre a natureza dos conflitos. No caso do Iraque, a maioria das baixas se refere a contextos de hostilidades próprias de uma guerra. Essas hostilidades, no entanto, surgem como típicas de guerras irregulares com inimigos difusos, não identificáveis e não seguidores do direito internacional. Os dados mostraram que os soldados estadunidense mortos em função de hostilidades pereceram por ataques de IED, pequenas armas de fogo, ataques suicidas e atingidos por morteiros desde os primeiros momentos da guerra. Esta situação indica que o Iraque se

transformou em uma guerra civil. As forças armadas estadunidenses, no entanto, persistiram, pelo menos até 2007, em uma estratégia errática de estabilização que não levou em conta o desenrolar de um conflito de natureza irregular no país.

Referências

- BIDDLE, Stephen; FRIEDMAN, Jeffrey A.; SHAPIRO, Jacob N. (2012). Testing the surge: Why did violence decline in Iraq in 2007?. **International Security**, 37 (1): 7-40.
- BIRD, Sheila M.; FAIRWEATHER, Clive B. (2007). Military fatality rates (by cause) in Afghanistan and Iraq: a measure of hostilities. **International Journal of Epidemiology**, 36 (4): 841-6.
- BYERS, Michael (2007). **A lei da guerra: direito internacional e conflito armado**. Rio de Janeiro: Record.
- CARNEY, Stephen A. (2012). **Allied Participation in Operation Iraqi Freedom**. Washington: Government Printing Office.
- CASUALTIES (2015). **Operation Iraqi Freedom (OIF) U.S. Casualty Status**, publicado em Department of Defense [<http://www.defense.gov/news/casualty.pdf>]. Disponibilidade: 14/05/2015.
- CONFLICT CASUALTIES (2015). **Defense Casualty Analysis System**, publicado em Department of Defense [<https://dmdc.osd.mil/dcas/pages/casualties.xhtml>]. Disponibilidade: 25/03/2015.
- DEBRUYNE, Nese F.; LELAND, Anne (2015). **American War and Military Operations Casualties: Lists and Statistics**, publicado em Congressional Research Service [<https://www.fas.org/sgp/crs/natsec/RL32492.pdf>]. Disponibilidade: 15/05/2015.
- FEITH, Douglas (2008). **War and decision**. New York: Harper Audio.
- GELPI, Christopher; FEATHER, Peter D.; REIFLER, Jason (2009). **Paying the human costs of war: American public opinion and casualties in military conflicts**. Princeton: Princeton University Press.
- GRIMMETT, Richard (2009). **Instances of Use of United States Armed Forces Abroad, 1798-2009**. Washington: Congressional Research Service.
- GRIMMETT, Richard; ELSEA, Jennifer (2011). **Declarations of War and Authorizations for the Use of Military Force: Historical Background and Legal Implications**. Washington: Congressional Research Service.
- ICASUALTIES (2015). **Iraq Coalition Casualty Count (2003-2015)**, publicado em iCasualties.org [<http://icasualties.org/Iraq/index.aspx>]. Disponibilidade: 12/03/2015.

IED ATTACK (s.d.). **IED Attack: Improvised Explosive Devices**, publicado em News & Terrorism, Department of Homeland Security [http://www.dhs.gov/xlibrary/assets/prep_ied_fact_sheet.pdf]. Disponibilidade: 21/04/2015.

KAGAN, Kimberly (2006/2007). **Iraq Report: The Anbar Awakening: Displacing al Qaeda from Its Stronghold in Western Iraq**, publicado em Institute for the Study of War and Weekly Standard, August 21, 2006 – March 30, 2007 [http://www.understandingwar.org/sites/default/files/reports/IraqReport03.pdf]. Disponibilidade: 20/04/2015.

_____. (2007). **Iraq Report: The Battle for Diyala**, publicado em Institute for the Study of War and Weekly Standard, February 11, 2007 – April 25, 2007 [http://www.understandingwar.org/sites/default/files/reports/IraqReport04.pdf]. Disponibilidade: 20/04/2015.

KAPLAN, Lawrence F.; KRISTOL, William (2003). **The war over Iraq: Saddam's tyranny and America's mission**. New York: Encounter Books.

KEEGAN, John (2005). **A Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

LAFREE, Gary; LEGAULT, Richard (2009). **Developing An Empirical Understanding of Improvised Explosive Devices: A Social and Behavioral Science Perspective**, publicado em National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism, August 28, 2009 []. Disponibilidade: 21/04/2015.

LUTZ, Catherine (2013). **US and Coalition Casualties in Iraq and Afghanistan**. Providence: Watson Institute for Strategic Studies, Brown University.

MCFATE, Montgomery (2005), Iraq: the social context of IEDs. **Military Review**, May-June, 37-40.

MEARSHEIMER, John (2012). **Por que os líderes mentem: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional**. Rio de Janeiro: Zahar.

MILLETT, Allan R.; MASLOWSKI, Peter. (2012) **For the Common Defense**. New York: Simon & Schuster.